



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

(O GOVERNO FEDERAL NO RIO GRANDE DO SUL)

Tradição da Grandeza e Aspiração de um Povo

DISCURSO PROFERIDO NA CIDADE UNIVERSITÁRIA, EM SANTA MARIA, A 3 DE ABRIL DE 1968, AO RECEBER O TÍTULO DE PROFESSOR «HONORIS CAUSA» DA UNIVERSIDADE FEDERAL DAQUELA CIDADE GAÚCHA.

Conta o Padre Manoel Bernardes, numa obra magnífica que se chama «Luz e Calor» que os cursistas de arte, no primeiro ano, são doutores, no segundo ano licenciados, no terceiro ano, bacharéis e, depois, não são nada. Porque, quanto mais vão estudando, melhor sabem, e não sabem. Porque, quanto mais é a luz, menos é a presunção. Eu entro no primeiro ano com o título de «professor», mas na realidade, pela experiência da vida, pelo sofrer e viver, eu já sei e nada sei. E, por isso mesmo, eu recebo, se é possível dizer, com humildade e orgulho a honra que me prestam. Humildade, sim, porque a tarefa do homem público no Brasil, seja Reitor Magnífico, seja Ministro de Estado, seja Militar, seja Professor, seja qualquer coisa da função pública e, muito mais um Presidente desta grande Nação tem ele a qualidade e a humildade porque neste País, meus Senhores, só nós é que somos pequenos — grande é o Brasil. E, esta Universidade é justamente o espelho do Brasil. É a tradição clara e inofismável da grandeza e aspiração deste povo. Nada se pode construir de pequeno neste País, pois periga no ano seguinte ser pequena demais. Tudo deve ser grande, magnífico, para que atenda ao desenvolvimento que é uma fatalidade. Haverá desenvolvimento, queiram ou não aqueles que procuram interromper a marcha do progresso brasileiro. E o Brasil, não o Governo, mas a Nação Brasileira muito espera de sua mocidade, pois ela amanhã vai receber este País para uma nova era de desenvolvimento e terá que levá-lo ao seu grande destino. Os invejosos serão muitos. Os destruidores serão inúmeros e virão procurar embargar, interromper o progresso deste País, porque ele será seguramente dentro de uma ou duas gerações o maior País do Mundo.

No momento, se nos impõe o desejo de manter a tranqüilidade e a paz, para que o Brasil assente suas bases definitivas para um progresso seguro. Não fazemos demagogia. Não estamos trabalhando para o nosso Governo, nem este Reitor está trabalhando para colher os louros desta Universidade. Esta Universidade, como todas as obras do Brasil, deve ser para as gerações.

E, vocês, jovens professores (eu vejo aqui tantos jovens), e vocês, jovens estudantes, compenetrem-se disto: nós nada valemos. O que vale é este País, esta sociedade que espera de nós. O que vale é este povo, que precisa educação, alimento e progresso, para que possa levar o País para a frente. Cada estudante deve, ao preparar-se, pensar no Brasil. Pensar no seu irmão que está ali, ignorante, desnutrido, precisando do nosso auxílio, da nossa orientação e do nosso trabalho. Se cada um der na sua esfera de ação tudo o que pode, não o que quer, pois que, muitas vezes, não nos é possível dar o que queremos, temos certeza que venceremos esta luta, e depois iremos conduzir o Brasil, para a frente. O que não se pode é querer destruir o que ainda não existe, pois uma obra como esta aqui (referiu-se à Universidade de Santa Maria), ainda não existe no seu complexo. Ela está no início e é preciso ser levada avante. Temos no Rio de Janeiro aquela obra magnífica do «Fundão» (referia-se o Presidente à cidade Universitária do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão), lançada talvez com uma grande aspiração, mas os governos passados, deixaram-na abandonada. Devemos levar, cada governo, cada reitor, cada ministro, a colocar mais uma pedra, completar novos pavilhões e, teremos em breve duas grandes Universidades-modelo no Mundo: a do Fundão e a de Santa Maria.

Quando o meu saudoso amigo, grande brasileiro que foi o gaúcho digno Napoleão Alencastro Guimarães, lançou o novo edifício da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, disseram: é um visionário, um louco. Esta obra é para uma previsão de 50 anos. Entretanto, em menos de 5 anos, já não comportava aquele magnífico edifício todas as repartições da Estrada de Ferro Central do Brasil. Assim é tudo no Brasil. Previsões para 50 anos nos surpreendem aos 5 anos, como ultrapassadas. Por isso, afirmo, nada é grande neste País. Nada é grande demais. Devemos fazer obras como esta. Naquilo que estiver nas possibilidades do meu governo e com a cooperação magnífica deste silencioso e trabalhador Ministro Tarso Dutra, da Educação e Cultura, haveremos de impulsionar a educação.

Numa entrevista que concedi à imprensa, ao completar o 1º ano do meu governo, um diretor de jornal acusou o Governo de não auxiliar a educação, através dos orçamentos da República. Tive que demonstrar que em 1967, 36% de aumento das dotações orçamentárias foram aplicadas na educação e, em 1968, mais 41% foram destinados ao ensino. Portanto, demonstramos, provando matematicamente, que

estamos empenhados no desenvolvimento da educação no País. Sabemos que, se não houver um estudo e um conhecimento para o encaminhamento dos problemas nacionais, dentro das técnicas e da ciência moderna, ficaremos cada vez mais atrasados. Por isso, desejamos que essa mocidade estude e se dedique com amor e entusiasmo às pesquisas e ao estudo, a fim de que possa amanhã concorrer nos vários campos de trabalho que estamos abrindo. Precisamos de engenheiros, médicos, agrônomos, veterinários, químicos, biólogos, enfim uma série de profissionais que venham concorrer para que tenhamos no Rio Grande do Sul uma pecuária orientada no sentido de maior produção, para que possamos concorrer com os países mais adiantados. Estamos atrasados neste particular. É necessário que nos convençamos da impossibilidade de concorrer com países mais desenvolvidos, por nos faltar justamente esta cultura, este preparo, a ciência aplicada, para o desenvolvimento da pecuária, da agricultura, da indústria.

Precisamos, baseados, em processos modernos, atingir nossos objetivos.

Meus Senhores: não vim preparado para uma solenidade magnífica como esta. Ao entrar na Cidade Universitária e deparar-me com seus primeiros pavilhões, senti um frêmito de entusiasmo pela ousadia do brasileiro numa obra como esta.

Senhor Reitor, saio daqui mais orgulhoso que nunca, apesar de ser humilde porque sou «Professor Honoris Causa» desta Universidade.